

# O MITO E A PSICANÁLISE\*

Benes Alencar Sales\*\*

## Introdução

O mito tem marcado sua presença em diversas teorias psicanalíticas e em conhecimentos afins, se considerarmos a Psicologia Analítica de Jung. No entanto, restringiremos o campo de nossa pesquisa à teoria de Freud, verificando sobretudo de que forma o mito tem contribuído para a elaboração de importantes conceitos da teoria psicanalítica freudiana.

De início, abordaremos o mito tentando vê-lo em sua concepção original, ou seja, examinando seu significado e o papel por ele desempenhado nas mais diversas culturas em que seu aparecimento teve lugar e a posterior subversão de seu conceito primitivo, face às severas críticas que lhe são dirigidas com o despertar do pensamento filosófico grego.

O conceito original só emergirá da poeira dos séculos, com o advento de novas ciências que começaram a se formar no final do século passado e as pesquisas por elas realizadas nas primeiras décadas do século que está a findar.

## 1. A Trajetória do Mito antes da Psicanálise

**Mito** (*mythos*) é um vocábulo grego que significa **palavra**, quer no contexto do discurso ou de uma narrativa. Originalmente, não se distancia de outro termo grego *lógos* que também se traduz por **palavra**.

---

\* Trabalho apresentado no Projeto Cinco e Meia do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco em novembro de 1999.

\*\* Benes Alencar Sales é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco.

O sentido de **ficção** que o nome adquiriu na civilização ocidental é uma herança do pensamento grego, como esclareceremos mais adiante.

Embora o mito não seja uma exclusividade da cultura helênica, a Grécia se apresentou como um terreno fértil para seu aparecimento aos borbotões e em exuberância. O mito está presente nas mais diversas manifestações do espírito grego: religião, artes plásticas, literatura e até na Filosofia, onde a racionalidade se revela em sua magnitude.

Etnólogos e historiadores das religiões têm descoberto que os mitos dos mais diversos povos: gregos, egípcios, judeus, babilônios, hindus, polinésios, australianos, ameríndios, apresentam temáticas bastante semelhantes, inclusive em riqueza de detalhes, embora essas culturas se distanciem no espaço e no tempo<sup>1</sup>.

Não obstante a civilização grega ter-se destacado com seus mitos, com o surgimento da Filosofia, após os tempos homéricos, o mito vai sofrer duros golpes. Passa a ser contraposto ao *lógos*, da mesma maneira que a fantasia se opõe à razão. Enquanto o *lógos* se orienta pela racionalidade, segundo as leis da lógica, o mito se apresenta como o irracional, aproximando-se mais da arte.

Os pré-socráticos, em nome do *lógos*, da razão, tentaram desmitizar ou dessacralizar o mito. Xenófanes foi o primeiro a criticar os conteúdos míticos expostos por Homero e Hesíodo no que se referem às divindades. Como diz Mircea Eliade “o surto do racionalismo jônico coincide com uma crítica cada vez mais corrosiva da mitologia ‘clássica’, tal como ela vinha expressa nas obras de Homero e Hesíodo. Se em todas as línguas européias [sic] o vocábulo ‘mito’ denota uma ‘ficção’, é porque os gregos assim o proclamaram há já vinte e cinco séculos”<sup>2</sup>.

1 GOLDGRUB, Franklin. *Mito e Fantasia* – O imaginário segundo Lévi-Strauss e Freud. p. 85.

2 ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. p. 126.

Contudo, a crítica dos pré-socráticos não era propriamente aos mitos mas à concepção dos deuses contida nas obras de Homero e Hesíodo. À semelhança dos homens, os deuses gregos presentes nos mitos narrados por esses escritores, apresentavam-se como injustos, vingativos, ciumentos, adúlteros, trapaceiros. Em Heráclito (pré-socrático), encontramos referência positiva ao mito: “O Senhor cujo oráculo está em Delfos não fala, não dissimula, ele significa”<sup>3</sup>. Ricoeur dá o seguinte sentido ao pensamento heraclítico: “tudo foi dito antes da Filosofia, por signo e por enigma”<sup>4</sup>.

Platão posiciona-se de forma contraditória em relação ao mito. Há passagens em suas obras em que o mito entrechoca-se com o *lógos* e com a *verdade* (*alétheia*). Observa no *Fedon*, pela boca de Sócrates, que o mito não é assunto seu e sim dos poetas. Em *A República*, o personagem Sócrates respondendo a Admanto assim se expressa: “- As [fábulas] que nos contaram Hesíodo e Homero – esses dois e os restantes poetas. Efectivamente, são esses que fizeram para os homens essas fábulas falsas que contaram e continuam a contar”<sup>5</sup>. Em outros trechos de suas obras, recorre ao mito como meio para expressar o que está além da linguagem filosófica, isto é, como uma metalinguagem para comunicar o incognoscível. No *Timeu*, afirma que é impossível aplicar raciocínios inteiramente coerentes, em relação aos deuses e ao nascimento do mundo. É preciso contentar-se com uma fábula verossímil. Ao falar da imortalidade da alma serve-se de mitos de reencarnação.<sup>6</sup> Assim termina as últimas linhas de *A República*: “Foi assim, ó Gláucon, que a história (*mythos*) se salvou e não pereceu. E poderá salvarnos, se lhe dermos crédito”<sup>7</sup>.

3 Apud RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretações*. p. 291.

4 Id. *Ibid.* p. 291.

5 PLATÃO. *A República*. p. 88.

6 Apud VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Sociedade na Grécia Clássica*. p. 187.

7 PLATÃO. *Op. cit.* p. 500.

Aristóteles, na *Metafísica*, reconhece que há no mito um elemento de divina verdade<sup>8</sup>. Vernant, após analisar o discurso filosófico grego em torno do mito assim se expressa: “Na perspectiva de Aristóteles, reconhecer que há no mito um elemento de divina verdade é dizer que ele prefigura a Filosofia. Da mesma forma, o modo de falar infantil prepara a linguagem do adulto e só tem sentido em relação a essa. O mito seria uma espécie de esboço do discurso racional [...] o balbúcio do *lógos*”<sup>9</sup>.

Desde as primeiras décadas do século XX, várias ciências, como a Etnologia, Filologia, Sociologia, Linguística, e Psicologia, têm se voltado para a mitologia trazendo novas luzes. Como consequência de estudos realizados nessas áreas de conhecimento, o mito deixou de ser considerado uma **ficção** e passa a distinguir-se da lenda, da fábula, da alegoria.

A concepção de mito para os estudiosos<sup>\*\*\*</sup>, nos tempos atuais, é, portanto, idêntica à das sociedades arcaicas onde ele começou a existir. Segundo Mircea Eliade, o mito é o relato de uma história verdadeira, ocorrida em épocas primordiais, em que determinada realidade teve seu início com a interferência dos deuses<sup>10</sup>. Ele expressa uma realidade humana. É a narração de uma criação, ou dizendo melhor, a representação de uma realidade que passou a existir; é um passado que se faz presente. Para Eudoro de Souza<sup>\*\*\*\*</sup> a mitologia fala da história do homem e do mundo: “Sem sabê-lo, sem querer sabê-lo, por julgar saber

<sup>8</sup> VERNANT, Jean-Pierre. Op. cit. p. 188.

<sup>9</sup> Id. Ibid. p. 188.

<sup>\*\*\*</sup> Para os não especialistas, o termo continua a ter a conotação de ficção, ilusão.

<sup>10</sup> ELIADE, Mircea. Op. cit. p. 12.

<sup>\*\*\*\*</sup> Filósofo e helenista de naturalidade portuguesa. Lecionou em universidades brasileiras desde sua vinda para o Brasil, em 1953, vindo a falecer em 1987. Entre suas obras destacam-se: *Dionísio em Creta e outros ensaios*, *Mitologia, História e Mito*. Entre as traduções destacamos: *Poética de Aristóteles* (comentada), *As Bacantes* de Eurípedes, *os pré-socráticos*.

que assim não é, a história anda a mercê do mito”<sup>11</sup>. A mitologia não é uma simples coletânea de mitos. “Do ponto de vista etimológico, mitologia é o estudo dos mitos, concebidos como história verdadeira”<sup>12</sup>. Contudo, por ser a mitologia uma linguagem do passado seu relato é simbólico.

## 2. O Mito na Teoria Psicanalítica

### 2.1 - A Referência Mitológica em Freud

Qual é, enfim, a relação entre o **mito** e a **Psicanálise**? Do fim do século XIX para o início do século XX, época em que se iniciava a construção da Teoria Psicanalítica, ocorreram importantes descobertas arqueológicas que contribuíram para pôr em evidência a mitologia, transformando-a em peça essencial a ser incluída na bagagem cultural de todos aqueles que se voltavam para o que se convencionou chamar de “humanidades”. A arqueologia foi um dos passatempos prediletos do pai da Psicanálise que colecionava com afã pequenos objetos da antiguidade grega, romana e egípcia.

A preocupação de Freud pela pré-história, prende-se à intrínseca relação que ele acredita existir entre os primórdios da humanidade e a pré-história do homem, enquanto indivíduo. Em *Totem e Tabu*, fala de seu interesse pela vida mental dos selvagens por ver nela o retrato de um primitivo estágio de nosso desenvolvimento. Apoiando-se nesse pressuposto, assim se expressa: “Se essa premissa for correta, uma comparação entre a ‘psicologia dos povos naturais’, tal como nos ensina a etnologia, com a psicologia do neurótico, como se nos tem tornado familiar por obra da psicanálise, poderá nos revelar numerosos pontos de concordância”<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Apud BASTOS, Fernando. *Mito e Filosofia*. p. 35-36.

<sup>12</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. p. 38. v. I.

<sup>13</sup> FREUD, S. *Tótem y tabú*. p. 11.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, estabelece uma ligação entre o simbolismo do sonho e do mito ao dizer que “o simbolismo onírico nos leva muito além do sonho; não é propriedade dele, mas está de igual maneira presente na representação dos contos tradicionais, mitos e lendas, nos chistes e no *folklore*. Permite-nos rastrear as vinculações internas do sonho com estas produções”<sup>14</sup>. Para ele, o mito é uma das experiências mais profundas da alma humana. Apresenta uma linguagem rica em significado, embora não clara, precisando ser decifrada, pois é expressa em símbolos. Como o sonho, o mito encerra dois conteúdos: o **manifesto** e o **latente**. O manifesto é o que é narrado, mas dito de forma distorcida, sem sentido aparente. O latente é o que se acha oculto, escondido na simbologia, susceptível de interpretação.

Semelhantemente ao inconsciente, o mito é *ilógico* e *irracional*. Frequentemente, Freud serve-se de personagens mitológicos ao se referir a atitudes e motivações que procedem do inconsciente e que se regem por sua lógica paradoxal.

As fontes míticas a que Freud recorre, ao longo de sua vasta obra, são das mais diversas procedências: greco-romana, judaico-cristã, totemismo, mitologias medievais e da renascença, entre outras. Anziéu, em seu artigo *Freud et la mythologie*, observa que “o inventário integral das referências mitológicas na obra de Freud e sua classificação sistemática está por ser feita”<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Id. *La Interpretación de los Sueños* (segunda parte). v. V. p. 667.

<sup>15</sup> Apud LEPASTIER, S. *Aux Sources des Mythes*. In: *Mythes et Psychanalyse*. p. 4.

## 2.2 - O Mito na Construção de Conceitos Psicanalíticos

Apresentaremos dois mitos gregos: o **mito de Narciso** e o **mito de Édipo** que são considerados, por teóricos da Psicanálise, os mais importantes pilares da teoria freudiana. Verificaremos como Freud estabelece uma ponte entre esses relatos arcaicos e a Teoria Psicanalítica.

### 2.2.1 - O Mito de Narciso

Como acontece com os mitos gregos, o **mito de Narciso** apresenta mais de uma versão. Apresentá-lo-emos como é narrado por Ovídio no Livro III das *Matamorfozes*.

Narciso (Nárkissos) não é uma palavra grega. Provavelmente procede da ilha de Creta. Há uma aproximação com *nárke* que em grego significa entorpecimento.

Narciso, filho do rio Céfiso e da ninfa Liríope era extremamente belo. Sua mãe sabendo que a competição com os deuses, em beleza, levava a uma punição, preocupa-se e vai consultar o adivinho Tirésias para saber quantos anos viveria seu belo filho. A resposta do profeta grego foi que Narciso viveria muitos anos desde que não contemplasse sua imagem.

Jovens de toda a Grécia aproximavam-se de Narciso atraídas por sua rara beleza, mas ele mostrava-se impassível. Uma ninfa denominada Eco apaixonou-se perdidamente por ele e o seguiu pela floresta. Narciso a repeliu friamente e afastou-se. Eco isolou-se em imensa solidão e por deixar de se alimentar começou a definhar até transformar-se em um rochedo que passou a repetir as últimas palavras da fala das pessoas (eco).

Revoltadas com tanta insensibilidade, as ninfas clamaram por vingança a Nêmesis que, de imediato, condenou Narciso a amar um amor impossível. Um dia, aproximou-se sedento de uma fonte de água límpida e ao debruçar-se para matar

a sede contemplou-se no espelho das águas. Apaixonado pela própria imagem, não mais conseguiu dali se retirar. Ao procurarem seu corpo, encontraram apenas uma delicada flor amarela com o centro circundado de pétalas brancas<sup>16</sup>.

O nome **narcisismo** já havia sido empregado antes da teoria freudiana. Segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, autores do *Dicionário de Psicanálise*, o termo narcisismo foi empregado pela primeira vez em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet, ao descrever uma forma de fetichismo que consiste em tomar a si mesmo como objeto sexual. No ano seguinte, o inglês Havelock Ellis o utiliza para descrever um comportamento perverso relacionado ao mito de Narciso. Posteriormente, o criminologista Paul Näcke, comentando um artigo de Ellis, introduz o termo na língua alemã. É a este que Freud toma emprestado o vocábulo (*narzissmus*) para incorporá-lo à sua teoria.

De fato, segundo nos informa Peter Gay, “originalmente, o termo **narcisismo** era aplicado a uma perversão: os narcisistas são desviados que só conseguem obter satisfação sexual tratando seus próprios corpos como objetos eróticos”<sup>17</sup>.

É neste sentido que Freud emprega o termo narcisismo pela primeira vez (1910), na segunda edição de *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, na parte referente às aberrações sexuais, exemplificando a escolha do objeto de amor dos homossexuais que semelhantemente a Narciso tomam a si mesmos como o objeto de investimento libidinal, procurando jovens que a eles se assemelhem e passam a amá-los da mesma maneira que foram amados por suas mães.

Liana Albernaz, em seu livro *Eu-corpo: O ego e o corpo em Freud*, referindo-se a essa escolha narcísica, assim a descreve: “Vejo-me como era visto por minha mãe, tomo os seus

<sup>16</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. Op. cit. v. II. p. 173-190.

<sup>17</sup> GAY, Peter. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. p. 315.

olhos como os meus e amo meu corpo como a via me amar. E, ainda que de fato não fosse eu por ela assim amado, é assim que eu, no meu desejo de ser desejado, vejo. Neste jogo identificatório, eu sou ela e ele sou eu. Invisto amorosamente o objeto dela, isto é, ele-eu”<sup>18</sup>.

Em 1910, no estudo sobre Leonardo da Vinci e em sua análise do “caso Schreber”, um ano depois, Freud fala do narcisismo como uma fase normal no desenvolvimento da libido, situada entre o auto-erotismo e o amor de objeto.

Mas, foi em seu artigo *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, de 1914, considerado um dos mais importantes e mais revolucionários, que ele sistematizou o conceito de *narcisismo*. Nessa época, estava às voltas com o problema da psicose que, para ele, manifestava uma megalomania e uma retirada da libido do mundo exterior para o próprio ego, o que o levou a estudar mais profundamente o assunto.

Ernest John, biógrafo de Freud, nos revela que o surgimento do conceito de narcisismo impôs profundas alterações na teoria psicanalítica, principalmente no que diz respeito à teoria das pulsões. Freud sustentara que as pulsões humanas eram divididas nitidamente em duas modalidades: as **pulsões do ego**, ou de **auto-conservação**, relacionadas às necessidades vitais (e que nada tinham de sexuais), e as **pulsões sexuais** que apoiando-se na satisfação das necessidades, ou seja, nas pulsões do ego, obtinham satisfação prazerosa de teor sexual.

O conceito de narcisismo traz em seu âmago um problema para essa formulação da dualidade pulsional freudiana. Ao deixar de restringir o narcisismo a uma perversão especializada, para configurá-lo como um investimento amoroso sexual de si para consigo mesmo, Freud estava pondo em risco toda a sua teoria. O fato é que ele começava a acreditar que o

<sup>18</sup> BASTOS, Liana A. de Melo. *Eu-corpo: O Ego e o Corpo em Freud*. p. 162.

amor por si e o amor por outros tinham a *mesma natureza* diferindo apenas em seu objeto. Isto sugeria a existência de uma **libido do ego** e uma **libido do objeto**.

Assim é que o ego, nessas reformulações, assume importante dimensão: não é tão somente o *reservatório da libido*, mas também ele próprio passa a ser libidinizado, ou seja objeto da libido. Como ressalta Peter Gay, “o ego pode se escolher, e de fato se escolhe como objeto erótico, tanto quanto escolhe outros. [...] O tipo narcisista, sob a influência da libido do ego, ama o que ele é, o que foi outrora, o que gostaria de ser, ou a pessoa que foi parte de seu próprio ser”<sup>19</sup>.

Freud constatou que essas implicações narcísicas não eram exclusivas do perverso ou do homossexual. Admitia que todos nós, de alguma maneira possuímos, em maior ou menor grau, certos traços de narcisismo e cita, por exemplo a criança e os povos primitivos com seus pensamentos mágicos, onipotentes. Outro exemplo é o de muitas mulheres, especialmente se forem belas, que “só amam, a rigor, a si mesmas, com intensidade semelhante à do homem que as ama. Sua necessidade não se sacia amando, senão sendo amadas, e se prendem ao homem que atende essa necessidade”<sup>20</sup>. Exemplifica ainda: “Se considerarmos a atitude de pais afetuosos para com seus filhos, teremos de distingui-la como revivescência e reprodução do narcisismo próprio, de há muito abandonado. [...] Prevalece uma compulsão a atribuir ao filho toda classe de perfeições (para a qual um observador desapassionado não descobriu motivo algum) e a encobrir e esquecer todos os seus defeitos”<sup>21</sup>. Esperam do filho que realize todos os sonhos que não puderam eles próprios realizar.

Outros conceitos fundamentais, relacionados à teoria freudiana do narcisismo, poderiam ser expostos como: *narcisismo*

<sup>19</sup> GAY, Peter. Op. cit. p. 315.

<sup>20</sup> FREUD, S. *Introducción del narcisismo*. Obras Completas. v. XIV. p. 85-86.

<sup>21</sup> Id. Ibid. p. 87-88.

*primário, narcisismo secundário, ego ideal, ideal do ego*.  
Todavia, abordá-los aqui fugiria ao propósito de nosso estudo.

### 2.2.2 - O Mito de Édipo

Há várias versões do mito de Édipo narradas por escritores gregos como Homero, Ésquilo, Eurípedes, entre outros.

Freud utiliza a versão de Sófocles que é uma transposição do mito para o teatro com o título de **Édipo Rei**.

Édipo é filho de Jocasta e de Laio, rei de Tebas. Laio amarrou os pés da criança e o abandonou no monte Citerão. Logo depois, Édipo foi encontrado e adotado na corte de Corinto como filho do rei Pólibo e Mérope que não tinham descendentes.

Certo dia, durante um banquete na corte, um dos convivas, após tomar bastante vinho, fala-lhe a respeito de sua adoção, deixando seus pais indignados com tamanho insulto. Inconformado, Édipo resolve ir, às escondidas, a Delfos consultar a sacerdotiza que, sem tirar-lhe a dúvida, expulsa-o do templo, dizendo-lhe que ele estava condenado a matar seu pai e a desposar a própria mãe.

Temendo o cumprimento do oráculo, decide abandonar a corte na intenção de ficar o mais longe possível de seus pais. Mas já distante de Corinto, depara-se com uma carruagem cujo dirigente o obriga a sair da estrada para dar-lhe passagem. Uma forte discussão surge entre os dois e, Édipo, ao ser agredido, tira a vida do chefe da comitiva (que é Laio) e de seus comandados.

Resolve então ir para Tebas e encontra a cidade às voltas com um monstro de nome Esfinge que devorava a todos aqueles que não decifravam o enigma por ele proposto. Ao ser desafiado, Édipo consegue interpretar o enigma e o monstro vendo-se derrotado joga-se num precipício.

Como um herói, Édipo é aclamado pelos tebanos, tornando-se rei e casando-se com Jocasta com quem tem quatro filhos.

Após algum tempo, novo flagelo abate-se sobre Tebas, tendo como causa o fato de a cidade ter se tornado abrigo do assassino de rei Laio. Édipo ordena prontamente que se iniciem as investigações, e, dessa forma, descobre com grande dor que ele mesmo havia assassinado o próprio pai. Sobreveio a trágica verdade: o oráculo foi confirmado. O rei Édipo é parricida e incestuoso. Jocasta suicida-se e Édipo se pune rasgando os olhos<sup>22</sup>.

Em 1897 ocorrerem dois fatos muito importantes para a Teoria Psicanalítica. Em 21 de setembro, Freud escreve a seu amigo Fliess dizendo que não acreditava mais na sua *neurótica*, isto é, em sua teoria das neuroses. Essa teoria pretendia explicar que a origem das neuroses estava relacionada a um trauma sexual ocorrido na infância. No início de sua prática clínica, muitos de seus pacientes davam a entender que tinham sofrido algum tipo de sedução por palavras, ou gestos e até mesmo atentado sexual por parte dos pais, causando-lhes pavor. Esta cena de sedução tal como foi descrita, daria margem a que todos os pais fossem considerados perversos.

Menos de um mês depois, em 15 de outubro, escreve novamente a Fliess: “Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora considero um acontecimento universal do início da infância [...], se assim for, podemos entender o poder de atração do *Oedipus Rex*”<sup>23</sup>. Freud faz essa descoberta através de sua auto-análise. O que temos então? A criança opondo-se ao progenitor do mesmo sexo e intensificando seus laços com o do sexo oposto. O pai da Psicanálise faz referência ao mito, mas a expressão *complexo de Édipo* só vai aparecer em 1910, no artigo: *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelos Homens*.

Em 1897, Freud não identificava ainda como comportamento sexual, essa descoberta do acontecimento universal no início da infância. Ela diz respeito a sentimentos ambivalentes de amor e ódio da criança voltados para as figuras parentais. Seu livro *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, onde é desenvolvida a teoria de uma sexualidade infantil, só foi escrito em 1905, passando posteriormente por importantes modificações. Em 1923, ele vai acrescentar nessa obra a fase fálica. É nessa fase que se instala a vivência do conflito que recebe o nome do herói grego.

Vimos na narração que Édipo se afasta de Corinto para não se concretizar o oráculo, isto é, matar o pai e casar-se com a mãe. Julgava que Pólibo e Mérope eram seus verdadeiros pais. Ele não sabia o que estava fazendo quando matou Laio e casou-se com Jocasta. À semelhança de Édipo, a criança vivencia uma angústia e culpa inconsciente por seus desejos amorosos e hostis em relação aos pais.

Ainda na carta a Fliess de 15 de outubro de 1897, escreve: “Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada um recua, horrorizado, diante da realização de sonho ali transplantado para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual”<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. Op. cit. v. III. p. 233-286.

<sup>23</sup> A CORRESPONDÊNCIA Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904. p. 273.

<sup>24</sup> A CORRESPONDÊNCIA Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904, p. 273.

## Referências Bibliográficas

- A CORRESPONDÊNCIA Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986, 503 p.
- BASTOS, Fernando. **Mito e Filosofia**: Eudoro de Sousa e a Complementariedade do Horizonte. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, 106 p.
- BASTOS, Liana Albernaz de Melo. **Eu-Corpando**: O ego e o corpo em Freud. São Paulo: Editora Escuta, 1998, 200 p.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1997, v. I, II e III.
- CENTRE CULTUREL INTERNATIONAL DE CERISY. *Mythes et Psychanalyse*. Paris: Arnaud Dupin & Serge Perrot Éditeurs, 1997, 251 p.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1989, 174 p.
- FREUD, S. *La Interpretación de los Sueños*. (segunda parte), (1900-1901). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994, 747 p. (Obras Completas v. V).
- . **Tótem y tabú y otras obras** (1913-1914). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994, 278 p. (Obras Completas v. XIII).
- . **Introducción del Narcisismo** (1914-1916). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1995, 389 p. (Obras Completas v. XIV).
- GAY, Peter. **Freud**: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 719 p.
- GOLDGRUB, Franklin. **Mito e Fantasia** – O imaginário segundo Lévi-Strauss e Freud. São Paulo: Ática, 1995, 223 p.

- PLATÃO. **A República**. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, 513 p.
- RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações** – Ensaio de Hermenêutica. Porto – Portugal: Rés-Editora, 1988, 487 p.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Sociedade na Grécia Clássica**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, 221 p.